

CONTRA UM TEMPO CINZENTO E UM MODO DE ESTAR BAFIENTO

Um grupo de jovens católicos sonhou com o pensamento e acção. E concretizou o sonho com uma realidade: "O Tempo e o Modo". Uma revista que ousou desafiar a direita do regime e a esquerda organizada no PCP e abriu uma nova forma de pensar (em) Portugal

CARLOS CÂMARA LEME

Há 40 anos, um grupo de jovens católicos saídos da universidade ousaram desafiar o tempo e o modo: um tempo cinzento, abafado, um modo de estar bafiento, a condizer. Portugal estiolava — no regime como na oposição. Mas nascia "O Tempo e o Modo - Revista de Pensamento e Acção". E nada seria como dantes.

Hoje, o Centro Nacional de Cultura (CNC) e a Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) organizam, em Lisboa, uma sessão comemorativa dos 40 anos da revista. Entre os oradores contam-se o Presidente da República Jorge Sampaio, que colaborou no primeiro número da publicação ao lado de outro chefe de Estado do Portugal democrático, Mário Soares; António Alçada Baptista (o primeiro director), João Bénard da Costa, Guilherme d'Oliveira Martins, presidente do CNC, Marc-Olivier Padis (actual chefe de redacção da revista "Esprit"), Edgar Morin e Eduardo Lourenço. Na sessão, intitulada "Ao Encontro da Liberdade", é lançada uma antologia da revista, com a chancela CNC/FCG, e é inaugurada uma exposição bibliográfico-documental em colaboração com a Hemeroteca Municipal de Lisboa.

"Depois de termos trabalhado no 'Encontro', uma publicação ligada à Igreja, queríamos algo onde pudéssemos ser mais livres", recorda, hoje, o primeiro chefe de redacção João Bénard da Costa, actualmente a dirigir

FOTOBIOGRAFIA DE HELENA VAZ DA SILVA/EDITORIAL NOTÍCIAS



Na origem da revista esteve o grupo "O Pacto", aqui fotografado na Sala de Espelhos da Feira Popular: Maria José e António Alçada Baptista, Maria Isabel e Pedro Tamen, Helena e Alberto Vaz da Silva.

a Cinemateca Portuguesa.

António Alçada Baptista administrava. Pedro Tamen editava. Bénard da Costa chefiava a redacção. Nuno Bragança e Alberto Vaz da Silva eram os redactores principais de "O Tempo e o Modo". Liam e bebiam (n)a revista francesa "Esprit". Lembra Bénard da Costa: "A nossa ideia era — retomando os termos do filósofo francês

Emmanuel Mounier, o fundador do personalismo — lutar contra a 'desordem estabelecida'."

À distância, Bénard da Costa tem uma ideia muito clara do que pretendiam com a revista: "Penso que a dimensão da utopia era mais importante do que a pragmática. Nunca pensámos em 'O Tempo e o Modo' como um embrião de um partido político."

Claro: se olharmos para o primeiro número, estão lá nada mais nada menos que dois Presidentes da República, Mário Soares e Jorge Sampaio. "Fomos logo vistos como o embrião de uma aliança ou uma tentativa de diálogo entre a democracia cristã e o Partido Socialista, ou, como se dizia então, a social-democracia", conta o actual director da Cinemateca.

Criar um revista em Portugal nunca foi tarefa fácil. Mas há acasos que vêm a matar. Alçada Baptista tinha comprado a Moraes e convidara Pedro Tamen para trabalhar com ele. "Estamos nos princípios de 1960 e vamos demorar três anos até o primeiro número aparecer, a 29 de Janeiro de 1963", dia dos anos de Alçada Baptista. Já tinham discutido vários títulos para a revista. A 7 de Maio de 1962 vão a votos, lembra Bénard: "É o Pedro Tamen que o atira para cima da mesa. Éramos dez, fez-se uma votação e 'O Tempo e o Modo' ganhou por sete votos a favor e três contra..."

Entre duas mitologias políticas, a do regime de Salazar e a da única oposição organizada, o PCP, os jovens de "O Tempo e o Modo" vão lançar um debate pelo pensamento e pela acção poucos comuns em Portugal. As sementes estavam lançadas: para se pensar de outro modo e, utopicamente, para outros tempos...

De 1963 a 1969 — altura em que a revista se descaracteriza ao ser dirigida por uma corrente pró-chinesa, próxima do MRPP —, "O Tempo e o Modo" agitou águas, consciências, com temas ainda hoje de uma de uma imensa actualidade. É o caso dos cadernos como o dedicado ao casamento (apreendido pela censura!), sobre "O que é Deus?", sobre "A arte deve ter por fim a verdade prática?" ou em torno de Jorge de Sena — cadernos que, com a chancela de "O Tempo e o Modo", eram editados separadamente para iludir a censura. ■

Quatro olhares diferentes sobre a mesma revista

"O Tempo e o Modo" não deixou indiferentes os mais variados sectores da sociedade portuguesa — política, cultural e geracionalmente.

Adriano Moreira, ministro do Estado Novo, depois do 25 de Abril deputado pelo CDS, pensa que a revista foi "a mensagem mais expressiva da doutrina social da Igreja e tornou conhecido em Portugal um dos maiores doutrinaadores do século passado, Emmanuel Mounier". Considerando que foi um "acto de coragem à data da sua publicação", Adriano Moreira faz questão de salientar a direcção e a personalidade de António Alçada Baptista, como alguém "completamente desinteressado de qualquer exercício do poder e sempre devotado ao debate das ideias".

Para o ensaísta Eduardo Prado Coelho, havia três revistas marcantes: a "Vértice", a "Seara Nova" e depois "O Tempo e o Modo". "Coloco-as nesta ordem", explica, "porque era assim que elas apareciam na sua relação com a modernidade: por um lado, a tradição de esquerda, por fim,

a revolução na esquerda."

Prado Coelho, que colaborará na segunda série da revista, recorda "textos imensos e admiráveis de Jorge de Sena", ao mesmo tempo que salienta "a importância de ordem estilística" da revista. "Grande parte dos redactores e colaboradores fazia parte do que Eduardo Lourenço designava como 'os filhos de Álvaro de Campos': a forma de escrever antecipa e modela o que se escreve".

Fazendo referência, como Eduardo Prado Coelho, aos

números especiais de "O Tempo e o Modo" — "O Casamento", "A Arte Deve Ter como Fim a Verdade Prática" ou que foi dedicado a Jorge de Sena —, o actual eurodeputado José Pacheco Pereira não tem dúvidas: "Era a revista política mais interessante que saía na altura, mais do que a 'Seara Nova' ou a 'Vértice'. Era muita arejada." Lembra-se dos artigos de Vasco Pulido Valente (um em particular sobre Ramalho Ortigão), das notas do Luís Salgado Matos

e da novidade que constituía os textos sobre "a realidade literária anglo-saxónica e não apenas francesa", algo que Pacheco Pereira só encontra(va) paralelo numa revista da extrema-direita, "O Tempo Presente": "Trazia coisas sobre o Erza Pound, o Eliot ou o James Joyce."

Pacheco Pereira, que também escreveu em "O Tempo e o Modo" no seu último número, recorda que, do ponto de vista político, a sua geração "é a de que não passa pelo

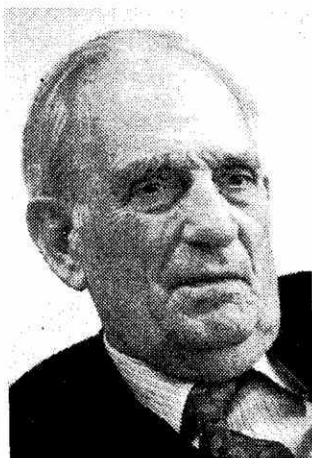
PC e forma-se politicamente, criando organizações de extrema-esquerda, contra o PC". A revista, nota Pacheco Pereira, "foi, desse ponto de vista, muito importante para a nossa geração, porque era a única revista à esquerda que não era do PC".

A última série da revista foi dominada pelo maoísmo, nomeadamente pelo MRPP. O historiador Fernando Rosas, a militar actualmente no Bloco de Esquerda, entrou para a redacção da revista em 1969,

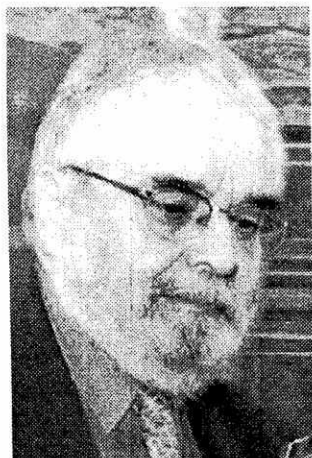
quando Bénard da Costa é ainda director e Amadeu Lopes Sabino é o chefe de redacção.

"Para mim essa primeira radicalização abriu um espaço inteiramente novo na esquerda cultural portuguesa. Por um lado, demarcando-se de uma 'Vértice' e de uma 'Seara Nova', crescentemente coladas à área do PC, e afastando-se do oposicionismo católico moderado para, com alguns católicos de esquerda, iniciar uma novo discurso de radicalidade." Entre os seus colaboradores contam-se, recorda o historiador, Jorge Almeida Fernandes, João Ferreira de Almeida, João Martins Pereira e, entre outros, Arnaldo Matos. "Era um espaço de crítica, pela esquerda, ao PCP e à cultura neo-realista em geral", lembra Rosas.

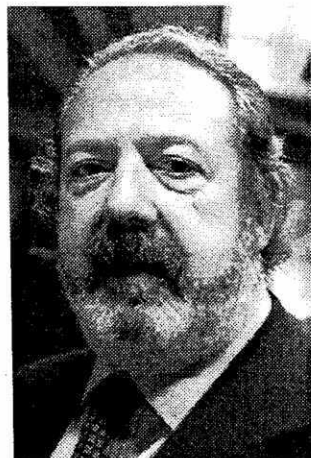
Com a radicalização geral da luta política em Portugal, no princípio dos anos 70, e com a entrada de Lopes Sabino no MRPP, Fernando Rosas pensa que há "uma deriva maoísta na revista", que "se transforma rapidamente num órgão teórico e oficioso do MRPP". ■ C.C.L.



Adriano Moreira



Eduardo Prado Coelho



Pacheco Pereira



Fernando Rosas